

Editorial

Adriana Rosa Cruz Santos; Alice de Marchi Pereira de Souza; Heliana de Barros Conde Rodrigues

DOI: 10.12957/mnemosine.2020.57644



Apresentação do Dossiê Políticas e Poéticas de contágio: ensaios de viver entre muitxs

os dias pesam, as noites encolhem. os governamentos sufocam e matam um tanto a cada dia: pobres, indígenas, pretxs, lgbtis, mulheres, formas de vida, culturas ancestrais, sociabilidades não-lucrativas. ecossistemas inteiros queimam, agonizam, a vida em comum parece impossível... mas incessantemente pululam por todos os lados experiências singulares e coletivas de viver.

como extrair e tecer a vida entre nós em meio ao adverso?

é preciso trans-pirar, colocar pra fora o que intoxica, transitar entre fronteiras nascidas do imperativo de separação para então podermos res-pirar, captar um tanto de ar, encher os pulmões para correr, gritar ou cantar e assim, movimento do corpo restabelecido, reconquistados de nossos pés, pulmões e vísceras, podermos olhar para os lados e cons-pirar, respirar juntos, segundo a definição de certo militante.

este é o convite e esta é a aposta: na encruzilhada entre arte, política e subjetividade, nos aproximarmos da multiplicidade como modo de vida, o encontro e o contágio como meios de invenção de si e de mundos, para juntxs ensaiarmos modos de viver entre muitxs... vamos?

Assim começava nosso convite ao evento “Políticas/poéticas de contágio: ensaios de viver entre muitxs”, realizado nos dias 31 de outubro e 01 de novembro de 2019, na UERJ. Um ano depois, vivemos uma situação que não poderíamos imaginar, nem em nossos piores pesadelos. Há nove meses, os números da pandemia do COVID-19 são apresentados diariamente nos telejornais com cada vez mais zeros à direita, criando um efeito de desrealização frente ao número assustador de mortos que não pára de crescer. No momento em que escrevemos estas linhas, estamos próximos aos 200 mil mortos no Brasil e as medidas sanitárias que poderiam proteger milhares de vidas são negligenciadas pelo poder público em nome da economia, das compras natalinas, da “vida que não pode parar” ou mesmo sem qualquer explicação razoável.

A pergunta que nos inquietava há um ano parece ainda mais atual e urgente: como extrair e tecer a vida entre nós em meio ao adverso?

Este Dossiê, que reúne contribuições dxs participantes do evento, é como uma flecha rasgando o céu do presente e apontando para um tempo outro, que virá. Uma vez mais a ciranda encantada da vida se renova numa dança entre muitxs, onde cada um(a) levanta os braços, num gesto coletivo de suspender o céu e ampliar os horizontes, como nos convida Ailton Krenak ao final do texto de Adriana Rosa, que abre este Dossiê. Como no ritual Krenak do *taru andé*, cantar e dançar para suspender o céu materializam a comunhão com a teia da vida e, acrescentamos nós, reafirma nossa teimosia na construção de uma vida outra, onde as políticas e poéticas do contágio multiplicam e sustentam o gesto de viver entre muitxs. Foi o que pudemos experimentar e aprender naqueles dois dias intensos de 2019: abrindo os trabalhos,

ouvimos os sons e as vozes da Orquestra Maré do Amanhã - em companhia de Sara Wagner York, compartilhando os desafios de ser professora e mulher trans; e Diádiney Helena, também professora, e seu maracá, trazendo para o nosso encontro o canto e a força ancestral do povo Pataxó.

Ao longo dos dois dias, várias atividades se sucederam, algumas simultaneamente, buscando engajar o corpo em outros modos de habitar e fazer viva a universidade, numa insistente abertura à diferença e ao acontecimento, apostando na constituição de outros regimes sensíveis e outras possibilidades relacionais entre si-corpo-mundo como gesto político e poético. Nossa proposta era instaurar uma fissura no cimento duro dos dias para fazer brotar uma ideia, um passo, um abraço, um ensaio de viver entre muitxs. Desencarcerar dos territórios concentracionários a política, a arte, a subjetividade, a produção de conhecimento, a vida na cidade, para fazer o corpo-pensamento trans-pirar e *outrar*. As políticas de subjetivação instauram e se sustentam em regimes sensíveis. “Buscamos inconscientes que protestam”, como já disse Félix Guattari, e que inventem nas esquinas, nas salas de aula, nas brechas, modos outros de viver. Deslocados do enquadre acadêmico tradicional, apostamos no contágio pela via da experimentação de si e dos coletivos como método de fazer circular as experiências, as trajetórias de vida, de aprendizagem e pesquisa, tecendo redes de cuidado, resistência e adensamento relacional.

Assim, ensaiamos fazer fanzines e poesia no hall com Lua Rivera, passear entre produções literárias fora do eixo mercadológico da Editora EncantARTE, do Instituto Nise da Silveira, e da Editora Esquina, da Cidade de Deus, ou assistir a performance do Grupo de Ações Poéticas Sistema Nervoso Alterado, do CAPS Espaço Aberto ao Tempo Severino dos Santos, que atracou na UERJ sua nau dos loucos em vias de barco de refugiados, revelando que as exclusões são múltiplas e planetárias.

As oficinas do Com-por Pretas, grupo de vivências terapêuticas e corporais *com e para* mulheres negras e a oficina “Dramaturgias do Ritmo”, da Companhia Kawin, que parte da dança para investigar as possibilidades de movimento numa perspectiva que articula animismo, ancestralidade e arte contemporânea, movimentaram as linhas de colonialidade que nos subjetivam, abrindo espaço para cuidar de seus efeitos, mas também do que escapa e afirma modos outros de viver.

Na última tarde de nosso encontro, nos reunimos em uma grande roda entre parceirxs de diferentes lugares, buscando deflagrar movimentos de composição entre nós, apostando em possíveis reverberações desta proposta transversal e coletiva, que fez nascer e animou o evento. Muitas pessoas se agregaram a este movimento, o que nos alegrou bastante. Agradecemos a

elas e aos coletivos/laboratórios presentes: CorporeiLabs, Laboratório de Corporeidade e Subjetividade (Psicologia/UFF Niterói); URDIR, Universidade, Resistência e Direitos Humanos (Psicologia e Direito/UERJ); LSD, Laboratório de sensibilidades e devires (Fonoaudiologia e Medicina/UFRJ); Kumã, Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som em interface com a Educação e a Clínica (Cinema/UFF); GESTE, Grupo de estudos e pesquisas sobre o trabalho da Educação (Educação/UFRJ); onucleo, Núcleo de pesquisas, estudos e encontros em Dança (Dança/UFRJ); LIAAT, Laboratório Interinstitucional de Atividades, Antropofagias e Transdisciplinaridades (Terapia Ocupacional/UFRJ/IFRJ), Projeto Corpo sem álibi (Psicologia/UFF Campos dos Goytacazes).

Fechamos, por fim, com as impactantes performances poéticas do Slam das Minas, que ocupou o “hall do queijo”, no térreo do edifício da UERJ. Quem passava era impactadx pelos seus versos de insurgência feminista, antirracista, periférica e anti-heteronormativa, de uma explosão artística incandescente.

Várias coisas aconteceram naqueles dois dias, nem todas tangíveis, nem todas traduzíveis em palavras ou imagens. No entanto, buscando expandir os efeitos de contágio, desejando ampliar certa duração para além das marcas em nossos corpos, decidimos organizar este Dossiê, com o qual contribuíram generosamente alguns dos participantes. Esperamos poder nos encontrar novamente num outro tempo, onde a presença não seja ameaça de contágio mortífero, mas condição para o contágio vital.

Abrimos o Dossiê com a arte-poesia de Raquel Oliveira, reinaugurando com vermelho-cor-de-sangue o estado de presença e pulsação que nos habitou naqueles dois dias. Agradecemos à Raquel também pela presença e pela arte de nosso cartaz e material de divulgação.

Seguimos com os “ensaios de um corpo em estado de experiência: a poética da substância do ato”, de Adriana Rosa Cruz Santos, uma das curadoras do evento junto à professora Alice De Marchi Pereira de Souza e xs estudantes Ana Gabrielle Silva, Isadora Barbosa, Julia Reis Lousao, Laís Silva Mariano, Letícia Oliveira Silva e Lucas Santos Canuto.

Este evento tem um de seus possíveis começos na pesquisa de pós-doutorado de Adriana, “corpo-pensamento: ativando regimes sensível menores”, supervisionada pela queridíssima professora Heliana de Barros Conde Rodrigues, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). No artigo, a autora apresenta fragmentos do percurso de pesquisa que toma a errância como dispositivo de abertura do corpo

à experiência, ensejando ativar regimes sensíveis e práticas de si-mundo capazes de reencantar o corpo e a vida.

Em seu “Poemética: corpo coletivo, narrativas polifônicas”, Denise da Silva Mattos e Mônica Rocha descrevem o polifônico processo que deu vida à interferência-instalação-poema nômade montada e apresentada pelo coletivo do Laboratório de Sensibilidades e Devires - LSD, da UFRJ. Esta apropriação livre inspirada nos penetráveis de Helio Oiticica veio pousar na UERJ e ocupou com sua vermelhidão incendiária e sensível o hall do 10º andar, convidando à performatização de poemas em alto e bom som, sem que a pessoa que desse vida ao poema fosse vista. O poema, emético, “o vômito do afogado”, conforme Deligny, ganhou nesse dispositivo contornos de resistência a tudo o que quer calar e matar, proporcionando múltiplos efeitos em quem com a cabine escarlate se encontrou.

Não à toa, é uma dessas experiências com essa personagem-instalação que narra Viviane Potiguar, uma das poetisas e articuladoras da Esquina, editora da Cidade de Deus, em “Poemética: cabine de magia”. Em seu texto livre, escreve como foi sua relação de “casa-labirinto” com a UERJ, energia que a contagiou para se perder e se encontrar, para enfim cantar a plenos pulmões no cubo escarlate. Viviane convoca à experimentação e montagem de nossas próprias cabines, onde e como for possível: “deveriam haver cabines mágicas instaladas nas ruas - como política nacional de libertação da veia criativa das pessoas.”

Com o grupo de pesquisa CorpoSSutis/UFF, somos levados a outra proposição no espaço de passagem do hall, a partir da pergunta “Como sensibilizar os corpos para a luta?”. Em seu artigo “Uma experiência de atividade-intervenção: a sensibilidade como ferramenta de luta”, o coletivo, que se dedica aos estudos de um corpo-clínico sensível, compartilha como criou a atividade-intervenção a partir das acusações, em 2019, de que a universidade pública seria lugar de balbúrdia. Das praças para a UERJ, a aposta foi a de aproximar as ruas e a população às produções da universidade, colocando em jogo as relações possíveis entre sensibilidade, coletividade e luta. O laboratório tátil ali montado fez girar diversos objetos pelas mãos de quem participou, exigindo a criação de ritmos próprios e sugerindo que “ouvir o mundo com cuidado e atenção é resistência”.

A oficina “Loucura em cena: o Teatro do Oprimido como ferramenta na saúde mental para encontrar-se com o estranho que habita dentro de nós” trouxe para a cena questões urgentes de nosso tempo. Tendo como disparador a pergunta “O que te afeta na universidade?”, os coordenadores da proposta, todos estudantes de Psicologia da UERJ, compartilham no artigo “Saúde mental e arte: Espaço de fala para as vozes minoritárias”, momentos da oficina onde

corpo e pensamento articulam-se com força e beleza na sustentação de questões racial e LGBTI que emergem na universidade.

Da UERJ também veio a proposta de oficina do Grupo Kinesis, “POÉTICAS DO CORPO”. No texto “A poética do corpo e sua inteligência pelo percepto e pelo afeto”, a coordenadora da oficina, Maria Lúcia Galvão, professora de Dança do Instituto de Artes da UERJ, artista e coreógrafa, conta como buscou abrir caminhos para “o desenvolvimento da consciência de si e do outro, potencializando o ato de criação na forma de vivências práticas, funcionando como uma poética do encontro”. Nesta experiência, a superfície do encontro entre corpos e espaço constrói um plano de expansão da experiência de si e de mundos, ativando a dimensão poética do viver.

Foi também da ordem da ativação de sensíveis a proposta que Patrícia Caetano trouxe. Em sua escrita experimental “Empoderando nossos Úteros: por uma prática de afirmação da vida”, ela nos faz ver como foi lançado o convite a dez mulheres para “dançarem juntas seus úteros ovários”, percorrendo as tantas camadas de seus ventres-*habitats* e suas potências. Através do acolhimento de si, da diferença e da coletividade, tal qual nossas ancestrais, tratou-se de “uma afirmação da vida pela prática do cuidado entre muitxs”. É possível ver as ressonâncias desta proposta na poesia visual de Raquel Oliveira, que acompanha, numa dança, o relato de Patrícia.

onucleo, Núcleo de pesquisas, estudos e encontros em Dança, do curso de Dança da UFRJ, contribuiu com o artigo “Práticas de *estarcom* como gesto de cuidado e criação”, onde as autoras passeiam pelo Morro da Conceição, OcupaAmaro, Aldeia Marakanã, apresentando “dispositivos de criação de um campo comum de ressonância para experimentações das corporeidades na cidade”, afirmando o cuidado como prática coletiva e transpessoal.

Por fim, em uma escrita epistolar, Alice De Marchi e xs integrantes do estágio “Psicologia e Direitos Humanos: transversalizando práticas” trocam cartas sobre as ressonâncias singulares que a organização e a vivência do nosso encontro produziram. “Tecendo o coletivo: relatos de um contágio político e poético” situa o nosso presente adverso e o contexto da pandemia de Covid-19 que potencializou desigualdades, apresentando, ao mesmo tempo, faróis, respiros e “pistas preciosas e incandescentes para que o contágio seja sempre por mais vida.”

A correspondência que encerra nosso Dossiê permite entrever um pouco da experiência de curadoria e organização coletiva do evento, que buscou sustentar entre nós a aposta de

construirmos juntxs, com amor e alegria, a universidade pública, plural e socialmente referenciada que desejamos.

Sejam bem vindxs, queridxs amigxs, precisamos de muitos braços e pernas e corações pra levantar este céu que nos abriga e sustentar os inadiáveis ensaios de viver entre muitxs!

Adriana Rosa Cruz Santos e Alice de Marchi Pereira de Souza

Sim, “este Dossiê [...] é como uma flecha rasgando o céu do presente e apontando para um tempo outro, que virá”. Ele é memória, mas memória de um *futuro outro* – feito de contágios, decerto, porém polipoéticos, vibratórios, vitais, como os que o dossiê inventa e *Mnemosine* divisa e deseja, sempre por vir.

Curiosamente, os textos da parte geral se multiplicaram, diríamos que quase exponencialmente – são vinte e um, no total – e também em variação – há não só artigos como tradução, resenha e, mais que biografia, um trabalho que convoca o método biográfico a lutar contra esquecimentos.

Alegremo-nos com isso, claro, no combate cotidiano travado contra a tristeza redutora da potência de agir, tão insidiosa no decorrer desses meses de isolamento. Contudo, há também uma nota triste: perdemos, em 3 de janeiro, um domingo que recém iniciava 2021, Sylvia Leser de Mello.

Não há, aqui, intenção de necrológio: Sylvia está muito presente nas páginas de *Mnemosine*, basta clicar e buscá-la. Apenas reproduzo a seguir o que sobre ela escrevi num dia de alegria. Pois, em uma deriva a partir das palavras de Roland Barthes, a honra ou a homenagem podem ser imerecidas ou desmedidas; porém a alegria nunca o é.

“Ela jamais pretendeu determinar as disciplinas que eu poderia/deveria cursar. Não exigiu assinar, junto comigo, aquilo que eu porventura escrevesse – moda das atuais “orientações-crédito”... que tristeza!!! Em nada se preocupava com o fato de que minhas andanças acadêmicas tivessem, ou não, estrito enquadramento em áreas consagradas pelas agências de fomento. Presenteou-me sempre com uma imprescindível bibliografia: Lima Barreto, Nathaniel Hawthorne e, é claro, Kafka... Apaixonou-se de graça pelo que fazíamos em termos de História da Psicologia no Rio de Janeiro e lá falou, emocionada, acerca do “silêncio

da Psicologia sobre os inocentes”. Surpreendia-se com a imensidão de comprovações que minha bolsa PICDT-CAPES exigia, mas sempre preencheu os formulários com abnegada paciência. E me falava de sonoridades, jamais de consagrações – acerca de Foucault, sabido objeto de minha paixão, dizia: “Não me esqueço da voz dele, aqui, na USP”. Há tantos e decerto eventualmente cansativos anos na Universidade, acompanhava minhas errâncias pelos caminhos da oralidade em história com a curiosidade de uma primeira vez. Em suas aulas, quando eu, com a impertinência da aluna que prazerosamente tornava a ser, ironizava o Freud de “Mal-estar na civilização”, dizendo-o o “Adam Smith da libido”, olhava-me com um rosto severo que sabidamente velava o riso. E o quanto prezava as risadas, sábia, cônica de que a presunção dos “sérios” em nada favorece o exercício do pensamento. Irritava-se com meu prazer infantil em olhar as tartaruguinhas a deslizar pelo tanque dos experimentadores, antecipando-lhes os eventuais sofrimentos – partidária, com certeza, da advertência de Simondon: “A máquina é apenas um meio; o fim é a conquista da natureza, a domesticação das forças naturais através de uma sujeição primeira, a máquina é um escravo que serve para fazer outros escravos. Tal inspiração dominadora e escravagista pode ir ao encontro de uma exigência de liberdade para o homem. Mas é difícil libertar-se transferindo a escravidão para outros seres, homens, animais ou máquinas; reinar sobre um povo de máquinas subjugando o mundo inteiro, ainda é reinar, e todo o reino supõe a aceitação do esquema de sujeição”. Soube dizer-me, com voz reasseguradora, quando lhe telefonei, em disfarçado desespero, antecipando a perda de todos os prazos possíveis – eu que tudo fazia por minha tese, menos finalmente redigi-la: “Conseguiremos uma prorrogação, escreva...”. A frase desencadeou uma atividade frenética, quase 500 páginas (...) em cerca de três meses, num empurrão doce ao que *precisava* ser feito. Aturou meus “cavalos do diabo” a galopar por sua casa já cheia de letras bem melhores – ah... a literatura!!! –, mestre na arte de receber as tonterias de pós-graduandos obcecados por minúcias. Acima de tudo, porém, o abraço: ver Sylvia chegar à USP em seu passo rápido, continuidade aparente da velocidade de um carrinho que a trazia de Cotia, correr para ela e abraçá-la, tocando de perto seus cabelos prateados e a borda de seu sorriso tipo “que-bom-te-ver-viva” fazia daquela suposta “exigência” de doutorado a oportunidade, por fim, de acercar-se dos saberes naquilo que carregam de disruptivo-amoroso. Somente a linguagem dos poetas poderia se aproximar do que Sylvia tece: um muito de possível em meio a tantas práticas que sufocam. Não sendo artesã de versos, prefiro parodiar Bertold Brecht:

Há aqueles que orientam um dia; e por isso são muito descuidados;

Há aqueles que orientam muitos dias; e por isso são eventualmente inconvenientes;

*Há aqueles que orientam anos; e são, por vezes, ainda piores;
Porém há aqueles que orientam para toda a vida; esses, como Sylvia, são os imprescindíveis”.*

Contagiemo-nos, então, com a *orientação para toda a vida* com que Sylvia nos presenteou e.... alegremo-nos, mais uma vez.

Gratidão a articulistas, resenhistas, tradutorxs, biógrafxs, queridas editoras convidadas, pareceristas, secretária.

Boa leitura, breve reencontro.

E saúde!

Heliana de Barros Conde Rodrigues